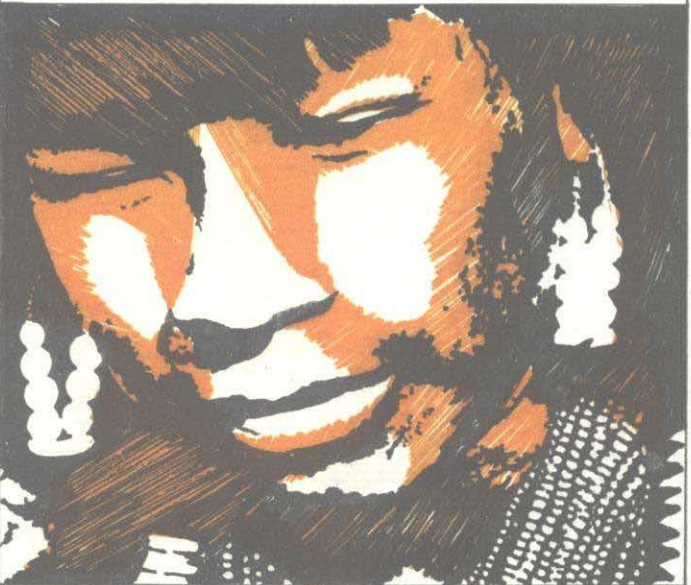


**OPAN**  
**RELATÓRIO**  
**1984**



---

ÍNDICE

---

INTRODUÇÃO	2
PROJETOS	
I - REGIONAL ACRE	
1. Projeto KULINA	3
2. Projeto COORDENAÇÃO DO CIMI	5
II - REGIONAL NORTE I	
1. Projeto ÍNDIOS NOVOS	7
2. Projeto CANAMARI	8
3. Projeto ALTO SOLIMÕES	10
4. Projeto WAIMIRI E ATROARI	11
III - REGIONAL MATO GROSSO	
1. Projeto KARAJÁ	13
2. Projeto CINTA LARGA	15
3. Projeto MÝKY/ENAUENÊ-NAUÊ	16
IV - REGIONAL MATO GROSSO DO SUL	
1. Projeto DOURADOS	18
V - REGIONAL LESTE	
1. Projeto CIMI LESTE	19
VI - PROJETO COORDENAÇÃO DA OPAN	21
"EMPRESTADOS"	23
CASA DE PORTO ALEGRE	24
ASSEMBLÉIA ANUAL	26
PREPARAÇÃO DOS VOLUNTÁRIOS	28

---

## INTRODUÇÃO

---

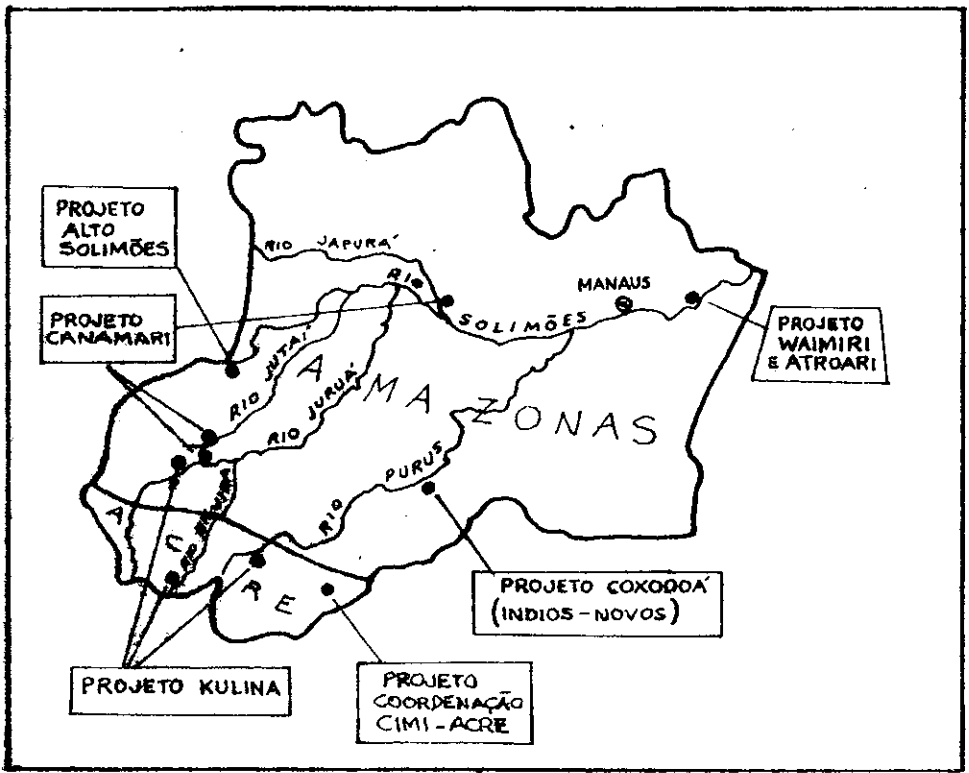
1984 foi mais um ano denso e cheio de desafios em nossos trabalhos indigenistas.

Especialmente marcante, neste período, foi o avanço dos MOVIMENTOS INDÍGENAS, em vários níveis, desde as ações guerreiras nas áreas indígenas, até o enfrentamento das instâncias burocráticas em Brasília, por parte de grupos organizados de índios. Este processo envolveu muitos companheiros, nos Projetos, exigindo, às vezes, difíceis tomadas de atitudes, frente aos posicionamentos indígenas. Isto significou, por outro lado, importante avanço, naquilo que consideramos fundamental em nosso trabalho: a AUTODETERMINAÇÃO dos Povos indígenas, em sua caminhada histórica.

Outro aspecto importante, em 1984, foram algumas modificações na política indigenista oficial, resultantes da mudança política mais ampla pela qual vem passando o país, que repercutiram em nossas atividades. Alguns companheiros, atendendo convite da Funai, estão colaborando no levantamento e definição de áreas indígenas, visando a garantia do território tribal dos grupos indígenas com os quais trabalhamos.

Agradecemos, novamente, às tantas pessoas e entidades que colaboraram estreitamente conosco, para que pudessemos concretizar os objetivos que nos propomos: aos índios, aos assessores que ajudaram na preparação dos novos companheiros, aos colegas de outras organizações, prelaças e dioceses, entidades financeiras, etc.

PROJETOS



I - REGIONAL ACRE

1. Projeto KULINA

---

Localização: rios Purus e Envira - AC  
rio Juruá - AM

População abrangida: Kulina

Equipe: AC - Rosa

IECLB: Lori e Roberto, com sua filha  
Pamalomid

AM - Rubinho

Início do Projeto: 1976

---

### Rio Juruá

Com a chegada do Rubinho no igarapé Preto, a comunidade se reuniu para construir a escola.

Escola: esse trabalho tem sido esporádico e intercalado com as viagens e visitas em outras aldeias e núcleos kulina. Saúde: atendimento precário, sem o tratamento preventivo.

As viagens e visitas a outras aldeias são acompanhadas por kulinas que vão visitar seu povo, e nestas ocasiões são levadas mensagens gravadas e slides de um lado para outro, e realizam-se levantamentos de dados sobre as demais aldeias e núcleos.

Perspectivas: - ampliação da equipe; - maior acompanhamento de: saúde, monitoria, assembleias, viagens, e outros trabalhos na cidade de Eirunepé (semana do índio, etc.).

### Rio Purus

A discussão e encaminhamento de projetos econômicos tem despertado muito interesse dos kulina, passando a ser uma das suas principais reivindicações.

A equipe do Alto Purus decidiu encaminhar um projeto econômico, para os kulina desta região, tendo como preocupações básicas: viabilidade do projeto, discussão e acompanhamento do mesmo.

Atividades importantes em 1984:

- participação dos kulina em duas assembleias, realizadas em Rio Branco;
- Segunda Assembleia do Povo kulina, realizada em Santo Amaro (rio Purus), com a participação dos kulina dos rios Juruá e Purus (Brasil), e do Peru;
- decisão, a partir desta Assembleia, dos kulina, juntamente com os kaxinawá, demarcarem suas áreas;
- por ocasião da Assembleia, esteve na aldeia de Santo Amaro uma equipe da Verbo Filmes, de São Paulo, para realizar filmagem e documentário sobre o tema "Inculturação do Missionário".

Perspectivas: - conseguir alguém que assuma o acompanhamento dos monitores; - oficialização da demarcação da área, realizada pelos kulina e kaxinawá.

## 2. Projeto COORDENAÇÃO DO CIMI

---

**Localização:** Rio Branco - AC

**Equipe:** Anselmo e Gema

**Início do Projeto:** 1979

---

### Projetos Econômicos

Houve uma Assembleia indígena, organizada pelos índios estudantes que residem em Rio Branco,

contou com a participação de representantes de diversos grupos do Acre e sul do Amazonas. Foram discutidos os temas: saúde, educação, terra, projetos econômicos, e atuação da Funai/Comissão Pró-Índio/CIMI.

O CIMI foi pressionado pelos índios no sentido de patrocinar projetos econômicos, como tem feito a Comissão Pró-Índio. Em torno disto, e da dificuldade de se discutir a fundo os projetos econômicos, entre CIMI e Comissão Pró-Índio, está se criando uma situação conflituosa e de afastamento entre CIMI/índios, em alguns casos.

#### Trabalhos realizados em 1984

- promoção da Semana do Índio;
- participação nas Assembléias indígenas, nos meses de abril e agosto;
- acompanhamento aos índios de passagem por Rio Branco;
- visitas aos Kaxinawá e Kulina;
- participação em mesa de estudo e discussão com a Associação dos Índios Estudantes (Nota: esta Associação foi criada em 1984, em Rio Branco - AC, e está ligada à Comissão Pró-Índio, articulando igualmente a União das Nações Indígenas - UNI - regional);
- organização de documentação do regional: arquivo, correspondência, boletim informativo, fotografias, slides, etc.;
- articulação com outros movimentos populares: sindicatos, CEBs e pastorais.

Para melhor atender às exigências dos trabalhos em Rio Branco e nas áreas indígenas, a Assembléia Regional decidiu ampliar a equipe de Coordenação, que assim ficou constituída: Anselmo, Gema e Rubinho.

## II. REGIONAL NORTE I

### 1. Projeto ÍNDIOS NOVOS

---

Localização: Riozinho, médio Cunhuá - AM

População abrangida: Zuruahá

Equipe: Tere e Chico

CIMI: Gunter

Início do Projeto: 1979

---

No início de 1984 a equipe retornou ao Riozinho, depois de um tempo de afastamento, por ocasião da "expedição de contato" da Funai. Encontrou estoque de remédios, placas de interdição da área, e muitos presentes, como: ferramentas, espelhos, tesouras, etc., deixados pela Funai.

No trabalho, a equipe reafirmou sua proposta de maior permanência na área indígena, o que propiciou: - ótimo entrosamento com o grupo indígena; - aprofundamento nos aspectos culturais: aprendizado mais sistemático da língua, algumas informações sobre sua história, etc.

Um dos resultados desta convivência mais permanente com o grupo indígena, foi a descoberta de sua auto-denominação: ZURUAHÁ.

Outros acontecimentos que envolveram os trabalhos na área:

- entrada de missionários da JOCUM na área, através do varadouro aberto pela Funai;
- saída dos Zuruahá, pela primeira vez, até a margem do rio Cuniuá, onde dormiram na casa do patrão



- dos sorveiros da região (o mesmo tinha acompanhado os missionários do JOCUM até a aldeia);
- os Zuruahá saíram uma segunda vez até o rio Cuniuá, chegando ao mesmo logo após a superação de um surto de sarampo que grassava ao longo do rio;
  - houve, ainda, mais dois contatos rápidos dos Zuruahá com os sorveiros do Alto Riozinho;
  - A Funai propôs a participação da equipe no Grupo de Trabalho (GT) para estudo e proposta de área para os Zuruahá;
  - riscos de doenças impediram o afastamento da equipe por muito tempo da área.

O Projeto pretende a ampliação da equipe, para poder acompanhar outros grupos da região - Jamamadi, Deni e Paumari -, e possibilitar a contatação de outros índios arredios.

## 2. Projeto CANAMARI

---

Localização: rios Jutai, Juruá e afluentes, e Japurá

População abrangida: Canamari e Tucano

Equipe: Araci e Lino, com seu filho Diogo, Vilma

Início do Projeto: 1979 e Teka

---

### Canamari do rio Jutai

Área. Os Canamari, neste ano, tomaram uma posição definida em relação a sua área e aos bens dela. Embargaram a saída de madeira, não permitiram entrada de novos invasores, estabeleceram e inicia-

ram a cobrança de "impostos" dos produtos retirados das áreas pelos invasores. Esta postura se consolidou ainda mais com a colocação das placas de interdição da área.

Saúde. A equipe tem servido de intermediária junto aos órgãos competentes, em busca de soluções para os problemas de saúde.

Outras frentes: Funai - presença de uma equipe de saúde da Funai, com muito medicamento, ferramentas de trabalho e comida; Petrobrás - instala-se na área, com ampla infra-estrutura e grande facilidade de transporte aéreo; Antropólogos da ANAÍ - BA e UNB, distribuindo mercadorias.

Consequências da atuação destas frentes:

- todas trouxeram prejuízos à autonomia do grupo, reativando e aprofundando a relação de dependência com a população envolvente, e retardando o processo de retomada e domínio efetivo da área;
- houve reatamento e fortalecimento de relações comerciais entre Canamari/ribeirinhos/patrões;
- surgiram conflitos entre os Canamari e a equipe do Projeto.

Tudo isto foi discutido com os Canamari, analisado nos vários aspectos implicados, e a equipe continuou os trabalhos normalmente.

Educação. Deu-se continuidade ao programa de matemática e alfabetização em português.

Grupo de Estudos/Funai. A equipe foi convidada a participar no Grupo de Estudos (GE) da Funai, que abrange a área do Javari, em novembro de 1984.

Canamari do rio Jurua

Não entendem bem o nosso trabalho, mas mesmo assim solicitam atendimento na área de saúde e educação, por verem a equipe como representante da sociedade envolvente. Alguns apoiam, outros rejeitam o trabalho da equipe.

De modo geral, a equipe procura explicar sempre qual é o propósito do trabalho, procurando não criar nem alimentar expectativas que não possam ser cumpridas.

Foi realizado atendimento dos casos de saúde e acompanhamento à cidade, quando necessário.

Procedeu-se à elaboração de proposta de área para os Canamari desta região, tendo a equipe participado do Grupo de Trabalho (GT) da Funai, designado para definição e delimitação da área.

Cláudio (OPAN) fez estágio prático na região no segundo semestre de 1984, entrosando-se facilmente no trabalho.

### 3. Projeto ALTO SOLIMÕES

---

Localização: rios Javari e Solimões - AM .  
População abrangida: Mayoruna (Matses) e Ticuna  
Equipe: Silvio e Dilson  
Início do Projeto: 1980

---

#### Atividades em 1984

- apoio às lideranças Ticuna, na sua organização;

- participação no encontro geral dos capitães Ticuna;
- visita às comunidades Ticuna do Peru e Colômbia;
- acompanhamento na elaboração, correção e edição da cartilha Ticuna;
- participação na Assembléia da Prelazia, e conquista de maior apoio à pastoral indigenista;
- acompanhamento dos processos jurídicos relativos à invasão da área Mayoruna de Santa Sofia, e roubo de madeira dos mesmos índios;
- participação no Grupo de Estudos da Funai, para definição de novas áreas dos Ticuna e grupos do Javari;
- redefinição do trabalho junto aos Ticuna, depois de um conflito que ocorreu entre lideranças deste grupo indígena e a equipe.

#### Preparação da Campanha do Javari

- levantamento do material existente sobre esta região, e contatos iniciais com entidades e pessoas de apoio;
- tentativa de divulgação da invasão da área dos índios arredios pela Petrobrás.

#### 4. Projeto WAIMIRI E ATROARI

---

Localização: da equipe: Itacoatiara e Presidente Figueiredo - AM  
dos índios: norte do AM e sul de RR, entre as bacias dos rios Negro e Uatumã

População abrangida: Waimiri e Atroari

Equipe: Doroti e Egydio, com seus filhos Ajuri, Adu e Maiá; Rui e Socorrinho

Início do Projeto: 1980

---

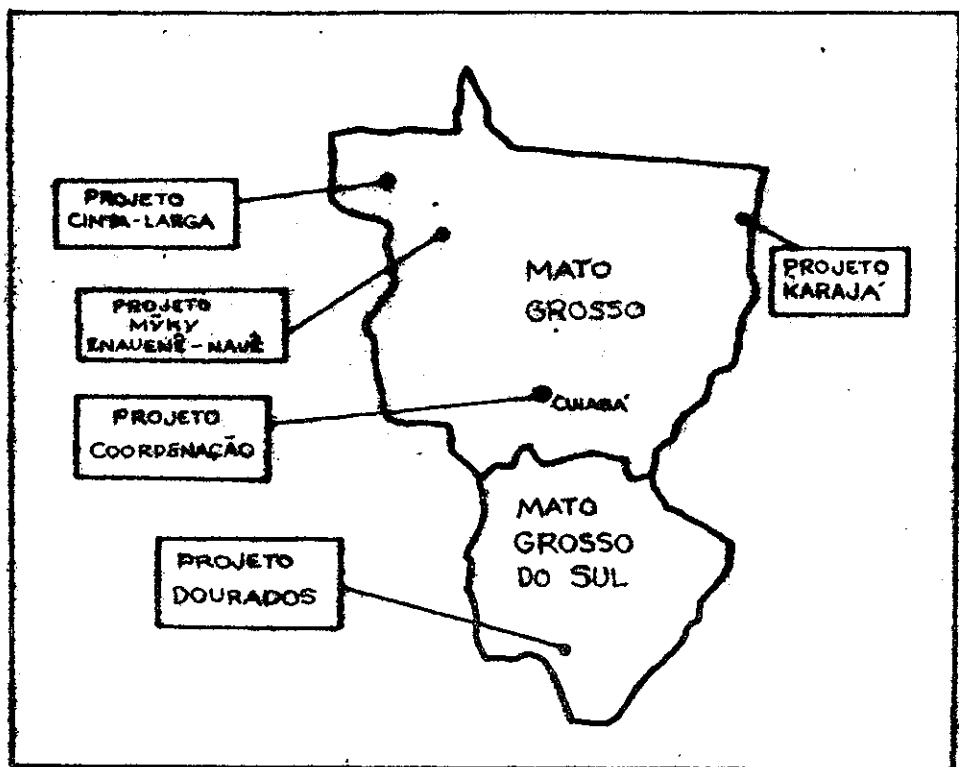
Em março de 1984, Doroti, Egydio e filhos mudaram-se para a cidade de Presidente Figueiredo, que fica próxima da área Waimiri e Atroari, facilitando o contato com os índios. Rui e Socorrinho permaneceram em Itacoatiara.

A equipe estabeleceu contatos com as aldeias Waimiri e Atroari, com exceção de uma. Está estudando a proposta que foi feita, no sentido de assumir um trabalho educacional junto aos Waimiri e Atroari.

Continuou o trabalho junto à população envolvente, procurando sensibilizar as pessoas para a realidade indígena.

O Projeto conta, atualmente, com ampla documentação sobre os Waimiri e Atroari, recolhida ao longo dos últimos anos.

Atualmente, a Funai está encaminhando um Grupo de Estudo para aquela área.



### III - REGIONAL MATO GROSSO

#### 1. Projeto KARAJÁ

---

Localização: rio Araguaia - MT

População abrangida: Karajá

Equipe: Paulo e Margarida, com seu filho Ricardo;  
Joana (Prelazia)

Início do Projeto: 1977

---

### Histórico

1910 - a região começa a ser ocupada por sertanejos; nesta década, os dominicanos entram na região;

1935 - entram Adventistas, que foram expulsos pela Funai em 1970; ainda hoje se fazem presentes como funcionários da Funai, pastores indígenas, e através de um barco que presta serviços à comunidade;

1935 a 1940 - o SPI estabelece sua sede na aldeia Sta. Isabel, dividindo-a com a FAB, que montou uma base aérea ao lado da mesma;

1952/1953 - chegam as Irmazinhas de Jesus;

1950 a 1960 - SIL/Batistas se fazem presentes, prestando assistência médica, escolar e dando catequese; até o ano de 1983 contavam com um pastor americano na área.

### OPAN/Prelazia

O encaminhamento do trabalho começa em 1977, sendo que em 1979 uma equipe passa a residir na aldeia Sta. Isabel (Itxala).

Logo de entrada, a equipe teve de enfrentar uma liderança de há muito corrompida. Durante todos estes anos de trabalho, houve esperança de que a comunidade reagisse aos desmandos da chefia, o que não ocorreu.

Em 1984, a situação tornou-se tão difícil, que levou a equipe a mudar-se para a aldeia de Ere hawã (próxima de Luciara). De qualquer modo, com a presença da equipe em Itxala, coisas boas aconteceram: - experiência dos voluntários como indigenistas;

- minimizaram-se os desentendimentos entre Karajá e Tapirapé;
- firmou-se a união entre o próprio povo Karajá, na defesa do seu território.

Para 1985, a perspectiva é de manter contatos com outras aldeias Karajá, a partir da aldeia de Ere hawã.

## 2. Projeto CINTA LARGA

---

Localização: município de Aripuanã - MT

População abrangida: Cinta Larga

Equipe: Joãozinho e Inês

Início do Projeto: 1979

---

Neste ano de 1984, deu-se a retirada do garimpo, que há muito tempo vinha causando sérios problemas aos Cinta Larga. Por outra parte, os mesmos estão enfrentando a construção de uma usina, que atinge parte de sua área.

Também neste ano, foi estabelecido um Posto de Vigilância, da Funai, na área. Em 7 meses, houve 7 mudanças de chefe-de-posto. O relacionamento índios/Funai baseia-se nas pequenas e limitadas prestações de serviço deste órgão ao grupo.



Em julho, Joãozinho retirou-se da área Cinta Larga do Aripuanã, e acompanhou uma equipe da Funai em atividades noutras áreas indígenas da região. Estas áreas estão sendo invadidas por posseiros, fazendeiros, mineradoras e outras frentes.

Posteriormente, Joãozinho integrou uma equipe do CIMI, num levantamento que se realizou no território dos índios Arara e Gavião. Tais áreas encontram-se invadidas por mais de 700 famílias de colonos. Esta invasão começou em 1976 e foi incrementada a partir de 1982, com apoio de políticos locais, e incentivo da política de colonização do governo, em conivência com Funai e Inara.

Num processo que se estabeleceu contra os invasores, o primeiro parecer do Tribunal Federal foi favorável a estes. Entrando a Funai com um pedido de revisão do processo, o segundo parecer resultou favorável aos índios. Os invasores, entretanto, continuam na área.

Novamente a pedido da Funai, Joãozinho deslocou-se para a área em que se encontra a fazenda Mudança, a fim de conferir a presença de índios arredios. Confirmada a presença dos mesmos, Joãozinho enviou relatório à Funai, sugerindo a interdição de parte da área, e colocação de um Posto de Vigilância, para maior garantia e tranquilidade dos índios, e para poder continuar o levantamento.

### 3. Projeto MÝKY/ENAUENÉ-NAUÉ

---

Localização: proximidade dos rios Papagaio e Cama -

rará

População abrangida: Mÿky e Enauenê-Nauê

Equipe: Angela e Dorotéa

Missão Anchieta (MIA): Thomáz, Vicente e  
Beth

Início do Projeto: 1977

---

A participação da OPAN nos trabalhos junto a estes dois grupos indígenas tinha sido interrompida nos anos de 1982 e 1983, desde a saída da Tere, no final de 1981. Com a presença de Angela e Dorotéa, respectivamente junto aos Mÿky e Enauenê-Nauê, a partir de 1984, retomamos as atividades naquela área.

### Mÿky

1971 - ocorreu o primeiro contato com o grupo; eram 22 pessoas; não conheciam o metal;

1972 - realiza-se casamento entre Mÿky e Iranxe (grupo indígena aparentado aos Mÿky). Isto passa a facilitar a permanência de Iranxe na área dos Mÿky, e vice-versa;

1974 - surge o problema da terra, no enfrentamento com um fazendeiro; a terra é demarcada em 1977;

1980 - Beth inicia o processo de alfabetização na língua Mÿky;

1983 - chega Angela na aldeia, dando sua colaboração na área de saúde; os Mÿky iniciam atividades de extração da borracha, sob orientação dos Iranxe; o produto é vendido em Cuiabá.

### Enauenê-Nauê

Os Enauenê-Nauê têm pouco contato fora de sua área; falam somente sua própria língua. Sua au-

to-denominação foi descoberta em 1984; até então, estavam sendo chamados de Salumã.

Usam habitualmente objetos industrializados, conhecidos nos contatos com os brancos (machados, facões, etc.).

Quanto à terra, têm conhecimento dos limites de sua área, e a defendem. O encaminhamento dos trâmites de demarcação da terra é feito com a intermediação das pessoas que os acompanham no processo de contato com a sociedade envolvente.

A maior preocupação da equipe é o modo de passar-lhes informações sobre o mundo branco, para que os Enauenê-Nauê possam situar-se frente ao mesmo, sobretudo considerando a aceleração dos contatos que vai ocorrendo.

#### IV - REGIONAL MATO GROSSO DO SUL

##### 1. Projeto DOURADOS

---

Localização: região da Grande Dourados - MS

População abrangida: Guarani-Kaiowá

Equipe: Adélia

CIMI: Odilo, Hilário e Orlando

Início do Projeto: 1978

---

A equipe deu continuidade aos trabalhos de

apoio aos Guarani-Kaiowá, em vários níveis: apoio à organização do Povo, sobretudo reuniões dos próprios índios, apoio às lutas pelas questões de terra, projetos agrícolas, alfabetização, etc.

Quanto à alfabetização, a mudança de Adélia para Amambai, e a não ampliação da equipe, dificultou o incremento deste setor, conforme estava previsto. Na medida do possível, contudo, Adélia continuou mantendo contatos periódicos com os Kaiowá da aldeia de Caarapó, e iniciou os contatos com os Kaiowá da aldeia de Amambai, com vistas à intensificação dos trabalhos na área educacional em 1985.

## V - REGIONAL LESTE

### 1. Projeto CIMI LESTE

---

Localização: sede em Vitória - ES

População abrangida: Tupinikim, Guarani, Krenak, Pataxó, Hã-hã-hãe, Maxakali, Xakriabá

Equipe: Nira e Fabinho

Diocese de Teófilo Otoni: Geralda

CEB: Cristiano

Início do Projeto: 1978

---

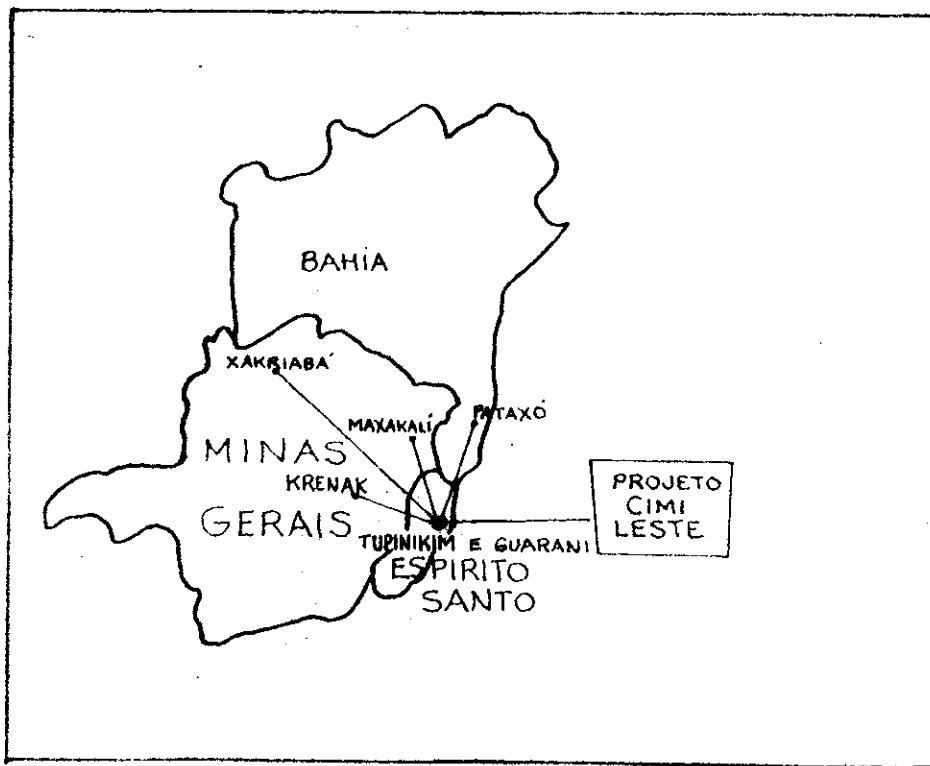
Avanço da luta indígena: pela conquista da terra, conscientização interna e com outros grupos

e setores de nossa sociedade (lavradores, CEBs, etc.). Houve abertura e conquista de novos espaços.

Dificuldades. Problemas de articulação com outros povos e setores de nossa sociedade, devido às diferenças culturais; isolamento pela distância; luta pela sobrevivência física.

Tentativas de superação deste quadro: incentivo às visitas inter-grupais, principalmente nos momentos de tensão e conflito; curso, com apresentação de slides, sobre como funciona a sociedade envolvente.

Desafios: - como enfrentar a questão da alfabetização? - como ampliar a equipe? ...



## VI - PROJETO COORDENAÇÃO DA OPAN

---

Localização: Cuiabá - MT

Equipe: Ivar, Darci e Arlindo

Início do Projeto: 1969

---

### Encaminhamento dos trabalhos - 1984

- 1) Contatos com os Projetos: a) Visitas às áreas: Cínta Larga, Karajá, Myky, Enauenê-Nauê e Dourados. Por diversas razões, não foi possível concretizar as visitas que estavam previstas para outras áreas; b) Comunicação: foram enviados para os Projetos: relatório da Assembléia Geral de 1984, 3 circulares, correspondência normal, e diversos textos.
- 2) Mobilização e preparação de novos companheiros; nove pessoas participaram do Estágio, em 1984.
- 3) Finanças: captação de recursos para os trabalhos e administração dos mesmos.

### Outras tarefas

- 1) Promoção do Encontro de Educação Indígena e envio de material sobre a questão.
- 2) Apoio e colaboração no encaminhamento do trabalho indigenista no Mato Grosso e Rondônia, de modo especial.
- 3) Ponto de apoio/referência/contatos/informações, para índios, imprensa, Funai, entidades de apoio

diversas, etc.

- 4) Multiplicação de material para outras entidades, e discussão dos trabalhos com as mesmas.

### Questionamentos

- 1) Ativismo da coordenação, que não tem se preocupado em aprofundar os questionamentos e desafios que surgem a partir da atuação da própria orga - nização.
- 2) Colaboração da OPAN na concretização do curso de indigenismo da Funai, a convite da mesma.
- 3) Encontrar pessoas para substituir Darci e Arlindo, na coordenação financeira e técnica.

### Relação Índio/OPAN

- 1) Questionamento, por parte dos índios, quanto ao uso correto dos recursos que dispomos para o trabalho.
- 2) Exigência dos índios, de uma definição política em nossa atuação.
- 3) Continuam os pedidos de apoio e liberação de pessoas para trabalho, da parte dos próprios índios.

## "EMPRESTADOS"

Há voluntários que, tendo trabalhado nalgum Projeto da OPAN, desligaram-se do mesmo, por razões diversas, mas querem continuar ligados à Organização, embora trabalhando fora dos Projetos.

Na Assembléia Geral de 1983 discutiu-se esta questão, procurando definir critérios de permanência na OPAN, sem ligação a um Projeto, uma vez que tal situação é excepcional, e eram vários os pedidos neste sentido.

Chegou-se, enfim, a um ponto básico de referência, que é o seguinte: ficariam vinculados à Organização, aqueles voluntários que continuassem a exercer alguma atividade efetivamente ligada ao indigenismo. Criou-se, para estes companheiros, a designação de "emprestados", considerando que estão se dedicando, provisoriamente, a trabalhos fora dos Projetos.

Nesta categoria de "emprestados", encontram-se, atualmente, os seguintes voluntários:

Ivo Schroeder, trabalhando na secretaria do Regional Sul do CIMI, em Xanxerê - SC;

Lucia e Antonio Brand, com sua filha Luciana, atuando no Secretariado Nacional do CIMI, em Brasília - DF;

João Dal Poz, encaminhando mestrado em antropologia, sobre "Os Cinta Larga: História de uma Sociedade Guerreira", e realizando pesquisa documental para alguns Projetos da OPAN, no Rio de Janeiro - RJ.



CASA DE PORTO ALEGRE

---

Localização: Porto Alegre - RS

População abrangida: Guarani M'bya

Responsáveis: Ivori e Francisco, da ANAÍ - P. Alegre

---

A equipe e a casa

No início de 1984, Mauro afastou-se do trabalho que vinha realizando junto aos M'bya, para dedicar-se a estudos de antropologia na PUC. De imediato, Ivori (ANAÍ) assumiu o trabalho e a casa; em outubro chegou Francisco. Ambos deram continuidade ao trabalho que vinha sendo feito.

A casa tem servido, principalmente, para trânsito dos índios, encontros, reuniões dos mesmos, atendimento dos seus doentes, etc. Atualmente, passam pela casa cerca de 20 a 30 índios por mês.

Os Guarani M'bya

O território de origem deste povo é o Paraguai, onde vivem hoje em torno de 7.000 M'bya; no Brasil, encontram-se por volta de 500 M'bya. Estes índios conservam muito de sua cultura, têm seus líderes, falam o guarani, vivendo basicamente do artesanato e serviços de roçado prestados aos brancos.

Quando conseguem um pedaço de terra, ali tentam reviver seu sistema antigo, permanecendo dois ou três anos no lugar. Para os M'bya não existem fronteiras, a terra é uma só. Caminhar faz parte do ethos tribal, o que dá aos mesmos uma característica de povo nômade.

## O trabalho

O trabalho com os M'bya está centrado em despertar no grupo a necessidade de lutar para garantir um pedaço de terra, que possibilite manter seus valores culturais.

Há perspectiva de conseguir uma demarcação de terra no município de Osório - RS. Esta questão exigiu a maior dedicação em 1984, e será o centro do trabalho em 1985.

## OPAN/ANAÍ

Darci, representando a Coordenação da OPAN, esteve visitando a Casa de Porto Alegre, onde encontrou com os companheiros que lá atuam, e com eles discutiu sobre o uso da casa, ficando acertado o seguinte:

- 1) A casa continuará sendo usada somente para trânsito e ponto de apoio dos M'bya e de pessoas que trabalham diretamente ligadas a eles.
- 2) Estabeleceu-se um contrato em cartório, segundo o qual a OPAN cede a casa à ANAÍ, para o uso acima referido. Este contrato tem a validade de um ano, sendo automaticamente renovado no final de cada ano, a não ser que uma das partes decida o contrário.

---

ASSEMBLÉIA ANUAL

---

Entre os dias 28/01 e 02/02/85, realizou-se, em Fátima de São Lourenço - MT, a Assembléia Anual da OPAN, reunindo grande parte dos companheiros, para a troca de experiências, avaliação da caminhada feita em 1984, e para traçar linhas para a continuidade dos trabalhos.

Como sempre, procedeu-se ao relato das atividades de cada Projeto e discussão dos mesmos. De resto, os temas que absorveram a atenção dos participantes de modo especial foram: os movimentos indígenas, e o novo contexto político em que vivemos, especialmente no que se refere ao relacionamento com a Funai.

Resultante das preocupações caracterizadas nesta Assembléia, decidiu-se realizar, imediatamente antes da Assembléia da OPAN 1986, um Simpósio, com participação aberta a outras entidades, para discutir os temas "Ação Indigenista como Ação Política, e Movimentos Indígenas". A expectativa é de que uma discussão ampla, neste sentido, proporcione uma compreensão mais clara do quadro de atuação indigenista em que nos situamos, e abra perspectivas mais coerentes, de atuação no atual momento histórico.

Dos debates da Assembléia, resultaram as seguintes propostas, relativas a três aspectos de nosso trabalho:

1) Quanto aos movimentos indígenas (MI):

- incentivar e participar da discussão dos MI ;
- viabilizar a colaboração entre lideranças e povos

diversos, através de visitas, assembléias, reuniões; por áreas culturais, grupos afins, regiões, problemáticas concretas;

- divulgar os MI nos nossos espaços;
- estreitar laços entre MI-OPAN

## 2) Quanto à preparação de pessoal:

- estudar como incrementar o número de voluntários;
- convidar índios e representantes do MI para falar com os estagiários;
- curso sobre ação indigenista como ação política: histórico, métodos, práticas, etc.

## 3) Quanto aos trabalhos:

- recorrer à assessoria indígena para a OPAN;
- maior articulação entre as equipes e com outras entidades; critérios: grupos afins, áreas culturais, regiões, problemas concretos;
- fazer circular informações sobre os Projetos, momento político, com notícias e análises;
- incrementar o acompanhamento da Coordenação aos Projetos;
- produzir mais material de discussão a partir de nosso trabalho;
- confrontar nosso trabalho com a mística, ideologia e papel da OPAN;
- o aprofundamento dos trabalhos deve ser a nível regional, com assessoria; a Assembléia da OPAN seria o lugar de articulação, mística, questão humana;
- viabilizar assessores mais permanentes aos Projetos;
- todas as Assembléias da OPAN devem ser Gerais e com assessoria.

## PREPARAÇÃO DOS VOLUNTÁRIOS

Em 1984, nove pessoas participaram do Estágio da OPAN, das quais cinco vieram a se engajar efetivamente no trabalho: Angela, Denise, Nadir, Dorothea e Claudio.

Na primeira etapa do Estágio, aproveitamos um curso promovido pelo CIMI, em março, completando com mais dois meses de estudo na sede da OPAN, em Cuiabá. Houve dificuldades de articulação entre estes dois momentos.

A terceira etapa do Estágio, realizada em novembro-dezembro, depois de os novos companheiros passarem cinco meses em áreas indígenas, foi especialmente interessante. Com a assessoria do Beto / Carlos Alberto Ricardo (CEDI) e Marcio Silva (UNICAMP), foi possível fazer um ótimo trabalho de avaliação e sistematização de toda a experiência do Estágio, especialmente do ponto de vista antropológico e linguístico.

Da Avaliação final, ficaram alguns pontos a serem considerados nos próximos Estágios:

- organização de um Dossiê, o mais completo possível, de cada Projeto, para uso dos estagiários;
- envio, pelos Projetos, de proposta escrita para estágio prático em área indígena;
- elaboração, pelos estagiários, com a Coordenação, de um programa mínimo para o estágio em área;
- centrar o curso inicial (1ª etapa) em três aspectos básicos: política indigenista e movimentos indígenas, etnologia brasileira, e linguística.